



SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: "Migrações, Etnicidade e Racismo"

"JUVENTUDES AFRICANAS EM LISBOA E O KUDURO: IMIGRAÇÃO, ETNICIDADE E EXPRESSIVIDADE"

"MARCON" , "Frank"

"Doutor em Antropologia Social",

"Universidade Federal de Sergipe - BRASIL" ,

"marconfrank@hotmail.com"

Resumo

O kuduro é um estilo de dança e música que chegou em Portugal através imigração angolana e da comunicação entre os imigrantes e os amigos e familiares que permaneceram em Angola. Recentemente, passou também a ser produzido entre jovens imigrantes ou descendentes na Região Metropolitana de Lisboa. Através dos computadores pessoais são elaboradas as batidas e através das reuniões de grupos de amigos são produzidas as letras. Os temas são relacionados ao cotidiano, aos atritos entre grupos e as festas que requeijam. A reprodução e a circulação é realizada através dos suportes digitais de música, mas também através das plataformas digitais através das quais se disponibilizam os arquivos de música e vídeos na internet. Neste contexto, formam-se redes de produtores e consumidores de kuduro e se estabelecem formas de sociabilidades no interior dos bairros e entre os bairros no entorno de Lisboa, onde vivem as populações de imigrantes oriundos de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe e seus descendentes. Lembrando que outras formas de expressão musical também estão aí presentes, com suas próprias dinâmicas. É através das formas de expressão, da produção, da circulação e do consumo kuduro que proponho analisar como se estabelecem sentidos compartilhados de identificação e diferença entre estes jovens num contexto imigratório.

Abstract:

The kuduro is a style of music and dance that arrived in Portugal with Angolan immigration and communication between migrants and their friends and family who remained in Angola. Recently, it also is made among young immigrants or descendants in the metropolitan area of Lisbon. Through personal computers are maintained beats and through meetings of groups of friends are produced the music. The themes are related to daily life, conflicts between groups and about attending the party. Reproduction and circulation is accomplished through digital music media, but also through digital platforms through which to make the music files and videos on the internet. In this context, form networks of producers and consumers of kuduro and establishes forms of social life inside the neighborhoods and surrounding neighbourhoods of Lisbon, where live populations of immigrants from Angola, Cape Verde, Guinea Bissau and Sao Tome and Principe and his descendants. Remember that others forms of musical expression are also there, with their own dynamics. It is through the forms of expression, production, circulation and consumption kuduro I propose establishing analyze how shared meanings and difference between these young people in the immigration context.

Palavras-chave: "Imigração; Africanos; Juventude; Etnicidade; Portugal"

Keywords: "Keywords: Immigration; Africans; Youth; Ethnicity; Portugal "

PAP1511

Este artigo foi escrito a partir de uma pesquisa de campo realizada em Lisboa, entre os anos de 2010 e 2011. O kuduro é um estilo de dança e música que surgiu em Luanda, nos anos noventa, e que chegou a Portugal logo em seguida, através das relações entre os imigrantes angolanos e o país de origem. Ao lado de outras formas de expressão cultural juvenis, como o hip-hop, o rap e o reggae, o kuduro passou a fazer parte integrante do consumo e da produção cultural dos jovens da região metropolitana de Lisboa, em meio a um universo de tensões sociais, étnicas e geracionais. A escola, a rua e a internet se tornaram os principais ambientes de socialização do kuduro, que passou a fazer parte do cotidiano e das relações sociais de imigrantes e descendentes, tendo como referência o país de origem ou mesmo uma África imaginada pela relação de solidariedade entre descendentes da imigração originária dos diferentes Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs).

1. Imigrantes africanos em Portugal

Num artigo sobre imigração e população africana em Portugal, Machado (1994) contextualiza as levadas de imigração para o país. Diz que os caboverdeanos foram os primeiros imigrantes a chegarem, nos anos sessenta, e se perpetuaram como um dos grandes grupos de imigrantes, até os anos 80, seguidos de angolanos, moçambicanos, guineenses e são-tomenses. Para Machado (1994) o rap, no início dos anos noventa, foi uma forma de expressão/ manifestação dos jovens que ele denomina de “lusso-africanos”, ou a chamada “segunda geração dos imigrantes” que vieram dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e são descendentes das condições sociais que seus pais (imigrantes de fato) vivenciaram, quais sejam: periferização econômica, territorial e social.

No momento em que Machado (1994) escrevia, concluía que os pais imigrantes tinham na mobilização política e social uma articulação aos referentes simbólicos de origem, e que para além das condições sociais, a etnicização dos jovens de segunda geração se constituía pela reprodução de tais condições sociais, mas também se manifestava de outras formas, como, por exemplo, através do rap e deste como ato de protesto e como forma de identificação (Machado, 1994, p. 128). Em meados dos anos noventa, Machado diz que havia muitos grupos de rap na zona metropolitana de Lisboa e que se chegou a realizar um primeiro festival de música deste estilo, demonstrando sua rápida ampliação entre tais jovens.

Depois dos anos noventa, novos imigrantes oriundos dos PALOPs chegaram a Portugal. Para Neusa Gusmão (2004), que estudou a questão em Lisboa há aproximadamente dez anos, as categorias utilizadas correntemente pelos portugueses para definirem estes imigrantes são: “africano”, “lusso-africano” e “novos lusso-africanos”. Podendo também ser caracterizados genericamente como “imigrantes” e “imigrantes de segunda geração”. Cabe destacar que estes últimos são os filhos dos imigrantes nascidos em Portugal. Independente da categoria acima, elas acionam diretamente a idéia de “um outro”, um “não nacional”, alguém que carrega a marca da diferença pelo estigma do fenótipo, da língua, do comportamento ou da procedência. No caso específico dos imigrantes africanos e dos seus descendentes, esta marca é reconhecida à primeira vista pelo fenótipo. Isto significa certa hierarquia na classificação da alteridade, em que ocorre uma generalização sobre o “outro”, negro ou africano, como se fosse um outro mais distante, como que sempre carregando um estigma da alteridade, mesmo quando os seus filhos são nascidos em Portugal, mas no dia a dia não são considerados. Eles são sempre considerados imigrantes e africanos. Ou seja, mesmo os considerados “imigrantes de segunda geração”, que não são de fato imigrantes, a primeira vista são genericamente vistos como imigrantes e denominados de “africanos”. A legislação nacional que corrobora esta percepção só concede a nacionalidade aos filhos de imigrantes que nasceram em Portugal, em casos de um longo período de anos após a confirmação da presença legalizada dos pais através do “visto de residência permanente”. Neste caso, dois paradoxos precisam ser destacados: a) alguns imigrantes dos PALOPs têm nacionalidade portuguesa, embora continuem reconhecidos socialmente no dia a dia como imigrantes; b) alguns filhos de imigrantes nascem em Portugal, mas não têm a nacionalidade portuguesa, porque isto

depende diretamente da situação dos pais. A contradição é que todos são percebidos socialmente como “imigrantes”. Entre os diacríticos caracterizadores do imigrante como estrangeiro, está primeiro o fenótipo, mas também e em segundo lugar, nestes casos, a marginalização social e econômica.

Em síntese, na acepção cotidiana, com a exceção dos portugueses que viviam nas colônias e que são chamados de “retornados”¹, os imigrantes dos PALOPs se tornaram “africanos”, também genericamente “negros” ou “pretos”. “Africano” passou a ser uma categoria comum para se denominar toda e qualquer pessoa originária de um país africano em Portugal (Gusmão, 2004, p. 111), sendo que as noções de “negro” ou “preto” agregam uma idéia de raça ou cor a este critério que têm origem na lógica do poder colonial. São três formas operacionais de percepção e denominação social no contexto português. Atribui-se uma condição social de estrangeiros aqueles que são denominados “africanos”, “negros” ou “pretos”, mesmo que eles tenham naturalização ou nacionalidade portuguesa. Na prática isto condiciona a uma diferença que replica a idéia de uma percepção social sobre uma cidadania menor, inferior ou de segunda classe.

É importante destacarmos as relações conceituais entre a legislação portuguesa sobre cidadania e naturalização e a legislação voltada para imigração, nos dias atuais. Para Cardoso (2009), principalmente quando se trata da presença de imigrantes originários dos PALOPs, também se está entrando num debate sobre naturalização, pois: 1) A legislação sobre cidadania portuguesa ou nacionalidade, até 1975, definia como cidadão português todos os nascidos nos territórios ultramarinos e da metrópole, princípio de *jus solis*, desde a constituição de 1959. A partir da descolonização, ocorreram mudanças que foram transformando o princípio para *jus sanguinis*, só se reconhecendo a cidadania para os nascidos em solo português ou nascidos nos antigos territórios coloniais que fossem descendentes de portugueses (Cardoso, 2009, p. 37). 2) O autor também ressalta que a legislação portuguesa do mesmo período reconhece aos imigrantes legais os mesmos direitos sociais que aos cidadãos. 3) Ressalta que a imigração nas últimas décadas é uma questão de agenda para o Estado português a partir de um novo contexto político, o ingresso do país na União Européia, nos anos noventa, quando há um crescimento deste fenómeno, em Portugal, e o país passa a ser um receptor significativo de imigrantes legais e ilegais. 4) As políticas de imigração do Estado priorizam a análise e engenharias preocupadas com o fluxo laboral (o que concentra a imigração em categorias sociais, como: jovens, homens e mão de obra desqualificada); 5) No percurso da última década houve por parte dos governos portugueses uma priorização pela imigração proveniente dos PALOPs e do Brasil, argumentando que tal política corrobora a idéia de afinidades culturais e de interesses econômicos estratégicos com tais países, flexibilizando a regularização de imigrantes ilegais e as facilidades de reagrupamento familiar desta imigração já presente no país há anos, embora por traz desta noção talvez também estejam presentes os princípios diplomáticos e o interesse no tratamento recíproco por parte destes países com relação a imigração portuguesa; 6) Cardoso (2009), ainda lembra que a questão da imigração nos países membros da União Européia é uma questão que não pode mais ser tratada individualmente desde o Tratado de Schengen, que universalizou alguns entendimentos e algumas políticas a este respeito, influenciando e obrigando os Estados Membros signatários a algumas reorientações e mudanças em suas políticas de recepção temporária ou permanente de estrangeiros².

Com exceção do período de fins dos anos 90, quando a imigração ucraniana teve um forte impacto nos índices gerais da imigração em Portugal, os PALOPs e o Brasil, juntos sempre foram os países com maiores números de imigrantes no país, desde a década de 1970.. Preocupados com a regulação dos fluxos migratórios, principalmente sobre o impacto do emprego *versus* mão de obra (lucros maiores com mão de obra de segunda), atualmente algumas medidas foram adotadas pelo governo português para regular a relação imigração/emigração, mas segue-se cumprindo a diretriz ideológica da recepção preferencial e do estímulo de imigrantes oriundos da CPLP. Uma imigração com característica extremamente jovem, que quando já não é formada por famílias relativamente maiores que as portuguesas, acabam, com o tempo, por se constituírem como maiores, sendo que as crianças e os jovens imigrantes ou descendentes há algum tempo passaram a ter presença significativa nas escolas e em outros espaços sociais coletivos, tanto em áreas centrais quanto periféricas na região metropolitana de Lisboa.

2. Jovens africanos e o kuduro em Lisboa

Na última década, em Portugal, alguns estudos sobre formas de expressões características dos contextos juvenis e periféricos foram elaborados por Pais (2000), Contador (2001), Fradique (2003) e Gusmão (2004), entre outros³. Alguns pensando a presença pública da juventude e suas expressividades, o consumo e o domínio das novas tecnologias por parte dos jovens, a presença e a relação deles com a escola, o seu envolvimento na criminalidade, a construção social dos jovens como representação pública do Estado e da sociedade, além de estudos sobre os jovens em suas práticas de informalidade, de convivialidade e de solidariedade. Sobre os jovens africanos, alguns dos primeiros estudos relacionavam o rap ao cotidiano de tais jovens e suas formas de expressão social (Machado, 1994; Contador, 2001; Fradique, 2003; entre outros). Em relação ao kuduro, apesar de ser um estilo de dança e música presente no país desde fins dos anos noventa, muito pouco se escreveu a este respeito. A Dissertação de Mestrado em Antropologia, de Maria Manuel da Costa Bringel (1998), com o título: *Kuduro, flamengo e rap: identidades culturais salientes num contexto escolar urbano*; é o primeiro trabalho de pesquisa que envolveu algum tipo de abordagem sobre o kuduro. Escrita em 1998, a Dissertação nos dá uma pista de que o estilo já estava presente nas escolas das freguesias do município Amadora, na Região Metropolitana de Lisboa, em meados dos anos noventa. O trabalho trata do tema imigração-escola, utilizando-se de teorias da etnicidade e sua relação com o consumo para estudar as relações entre o uso de indumentárias, gostos e estilos musicais, bem como à expressão de identidades étnicas em sala de aula, a partir da relação entre diferentes influências culturais associadas à imigração no contexto escolar.

Além da pesquisa de Bringel (1998), pelo menos mais dois estudos recentes fazem alguma referência mais ou menos enfáticas sobre o kuduro. A Dissertação de Mestrado em Imigrações Inter-Etnicidades e Transnacionalismo, de Olivier Guiot, de 2009, com o título: *Os processos de negociações identitárias nas culturas expressivas juvenis. O caso do kuduro na área metropolitana de Lisboa*; em que o autor propõe analisar como a manifestação do kuduro está presente nas manifestações identitárias dos jovens em Lisboa, tomando como estudo o caso do grupo Buraka Som Sistema e o caso de um grupo de dançarinos denominados Mil Mambos, analisando suas aproximações e diferenças. O outro estudo recente é a pesquisa de Marta Rosales (2009), para o Observatório da Imigração, denominado: *Crescer Fora D'Água? Expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na Região Metropolitana de Lisboa*; em que são escolhidas duas regiões periféricas para estudar as expressividades dos jovens de origem africana, entre as quais o kuduro aparece como sendo um dos elementos mais significativos entre eles, quando encontrado nas práticas cotidianas e nas escolas dos municípios Amadora, Loures e Odivelas.

A experiência com a literatura apontada acima e a aproximação que fiz junto aos municípios da Região Metropolitana de Lisboa, durante o ano de 2010, possibilitou a constatação mais precisa de que nestas localidades estão as principais áreas de residência dos imigrantes africanos e seus descendentes, bem como que é nestas áreas que encontramos a presença de jovens envolvidos ativamente com o kuduro. Estive em algumas localidades, como: bairro Fetais, freguesia de Camarate, município de Loures; bairro Terraços da Ponte, freguesia de Sacavém, município de Loures; bairro Fundo Fomento, freguesia Vale da Amoreira, município de Moita; bairro Arroja, município de Odivelas, e em vários bairros de diferentes freguesias do município Amadora, localizadas no percurso da chamada Linha de Sintra (linha de trem suburbano que faz a ligação entre Lisboa e o município de Sintra, atravessando alguns municípios e diversas freguesias).

A partir de contatos previamente estabelecidos com alguns líderes de associações de moradores de diferentes bairros, fui estabelecendo uma importante rede de contatos para a pesquisa. Primeiramente, através de informações obtidas junto à Associação Mointense dos Amigos de Angola e à Associação dos Residentes Angolanos de Odivelas, cheguei a alguns jovens envolvidos com o kuduro e que estão articulados às associações, através das quais são chamados para realizarem apresentações em escolas, em festas de

freguesias e em festivais. A partir deles, fui ampliando o acesso a outros. Estes jovens vivem em bairros diferentes, mas, muitas vezes, se conhecem e têm contato uns com os outros, mesmo com aqueles que vivem mais distantes de seu bairro ou localidade de moradia. Encontrá-los foi como desfiar um novelo. As redes de contato entre eles são estabelecidas por amizade, por parentesco, por encontros fortuitos ou por outros elos sociais que revelam sentimentos de afinidade compartilhados⁴.

Para além dos círculos familiares, os encontros entre tais jovens acontecem através das escolas ou de lugares de entretenimento e lazer, como os centros comerciais, bares, discotecas ou festas particulares ou de associações, bem como através dos meios de comunicação eletrônicos, oportunizados pela rede mundial de computadores, principalmente através das redes sociais (*my space*, *facebook*, *hi5*, entre outras), dos *blogs* e dos *sites* de compartilhamento de vídeos e músicas.

Alguns destes jovens nasceram na África, outros são filhos de imigrantes africanos. Em casa, na escola, nas festas e na rua, diferentes estilos de música estão presentes no cotidiano, seja pelo seu próprio repertório de experiências ou pelo repertório de seus pais, ou ainda através de amigos e parentes que vão chegando a Portugal como novos imigrantes. De qualquer modo, a experiência de ouvir estilos de música como: funaná, coladeira, quizomba, semba, kuduro, entre outros, é uma experiência comum que remete ao repertório musical que é reproduzido nos espaços sociais da experiência da imigração africana, em Lisboa. A partir de tal repertório, estes jovens se socializam e mantêm um senso de experiências coletivas próprias, que reproduz os sons, a linguagem oral e corporal dos países de origem, às vezes tornando as referências simbólicas de um país, em específico, como: Angola ou Cabo Verde, referências de toda uma experiência de imigração africana.

Entre os jovens que se consideram dançarinos, músicos ou produtores de kuduro, com os quais tive contato mais direto, alguns deles são nascidos em Portugal, outros vieram para Portugal ainda crianças, mas em nossos diálogos definiram-se sempre, como: angolanos, caboverdeanos, guineenses e são-tomenses. Muitos deles começam muito cedo, ainda na escola, trazendo músicas gravadas nos celulares ou noutros suportes eletrônicos. Através do domínio destes suportes, eles compartilham a música com outros colegas ou fazem apresentações de passos de danças, que aprendem com familiares e amigos ou mesmo através dos vídeos que acessam na internet, postados por grupos angolanos de kuduro. Nos anos noventa, antes desta profusão de suportes eletrônicos individuais, o kuduro chegava por fitas K-7, de áudio e vídeo, e era ouvido e reproduzido entre estes jovens, chegando, ainda assim, às escolas, mesmo que numa dinâmica temporal menos veloz que nos dias de hoje.

Vários dos jovens que hoje têm grupos de kuduro ou atuam sozinhos, começaram ainda crianças, dançando na rua e na escola, passando a se apresentar em eventos culturais na Região Metropolitana de Lisboa, contatados pelas associações de imigrantes e de moradores nas freguesias ou municípios em que vivem. As associações têm, nestes casos, um papel de articulação que possibilita certa visibilidade para muitos destes grupos.

A base da dança kuduro são as formas de balanço do quadril associados a uma variedade de passos e acrobacias que procuram acompanhar a batida forte e veloz da música. Em alguns casos, o kuduro é composto de passos solos, em outros, os passos são coordenados em conjunto por um dado grupo. Durante a dança, observam-se alguns aspectos lúdicos nas expressões corporais, quase sempre relacionadas a caretas elaboradas pelos dançarinos e as formas de movimento corporal que testam ou brincam com os limites do corpo, através de coreografias inusitadas. Tais características estão ainda recheadas de sensualidade e sarcasmo, o que sempre atrai muitos curiosos, mesmo os alheios ao kuduro, quando se trata de exhibições públicas em diferentes eventos para os quais alguns jovens são contatados e nos quais se apresentam.

Nos anos noventa, as músicas ouvidas e utilizadas nas apresentações e competições de dança de rua, em Lisboa, eram produzidas em Angola. As músicas do momento, que mais faziam sucesso em Luanda, quase instantaneamente apareciam tocando também em Portugal. Se a comunicação entre os imigrantes e os países

de origem já era de certa maneira muito fluída, recentemente, principalmente entre os jovens, ela se tornou muito mais veloz e eficaz, a partir da popularização da internet. Músicas e vídeos são postados em *sites* de redes sociais e de compartilhamento de arquivos em Angola e acessados instantaneamente em Portugal tornando-se a novidade do momento nas escolas, discotecas e espaços de entretenimento e de lazer de tais jovens.

Na última década, alguns grupos de kuduro começaram também a compor e a produzir música, como é o caso, entre outros, dos grupos: BF, K.55, Nova Geração e N'Gapa⁵. Com o acesso facilitado à compra de computadores pessoais e à aquisição de programas de edição e produção de áudio e vídeo, vários destes jovens passaram a experimentar outras formas de envolvimento com o kuduro. Assim como já ocorria com o kuduro em Angola, as músicas produzidas por eles passaram a circular eletronicamente através das suas redes sociais de contato face a face (a família, a vizinhança, a escola, os amigos do trabalho e das festas) ou de contatos virtuais (das comunidades em que participam na internet). Os espaços de difusão coletiva das suas produções musicais são os mesmos da dança, pois muitos passaram a agregar o valor da novidade de atuarem como músicos aos grupos de dançarinos dos quais já participavam.

Outro contexto em que os jovens envolvidos com o kuduro ganharam expressão pública foi na atuação como DJs em festas e discotecas, ou como produtores musicais, quando gradativamente passaram a dominar as tecnologias de criação e produção de música eletrônica. No que diz respeito à atividade dos DJs, eles passaram a atuar comandando a música das festas arranjadas por grêmios escolares e grupos de amigos, alguns deles passando a ser chamados para animar discotecas famosas, reconhecidas como espaços de música africana, em Lisboa.

Muitos jovens envolvem-se com a cena do kuduro, simplesmente como ouvintes ou em busca do entretenimento ocasional no encontro de amigos e em festas, mas outros acabam por se envolver mais efetivamente investindo boa parte de seu tempo livre na criação de coreografias de danças, na composição ou na produção de música. De qualquer modo, o que se constata é que em espaços de residência e socialização das juventudes africanas em Lisboa, como nas localidades de Terraços da Ponte (Sacavém), Fundo Fomento (Vale da Amoreira), Massamá (Amadora), Fetais (Loures) e Arroja (Odivelas), o lazer destes jovens está associado ao envolvimento com estilos musicais específicos e com alguma associação às experiências dos países de origem. Entre os jovens, o kuduro acaba envolvendo o perfil etário mais novo da juventude imigrante, em fase de escolarização básica, moradores de bairros da periferia, com baixo poder aquisitivo, mas atuando no impulso ao consumo e ao acesso de informação associada ao estilo musical com o qual estão envolvidos.

Os que se consideram artistas na cena do kuduro, usam cortes de cabelo exóticos, roupas e sapatos coloridos, além de adereços, como: brincos, correntes no pescoço e pulseiras. A inovação parece ser uma marca da performance dos dançarinos e músicos. A maioria dos jovens que entrevistei está numa faixa etária entre 16 e 23 anos de idade, sendo que parte deles está estudando em alguma escola secundária ou concluindo algum curso técnico, mas a maioria já não estuda e trabalha em serviços temporários ou está desempregada⁶. Independente de suas atividades escolares ou de trabalho, uma boa parte do tempo livre destes jovens pode ser considerada como de envolvimento com a música e com o lazer.

Nos encontros em que tive a oportunidade de estar com alguns destes jovens, eles enfatizavam formas de falar ressaltando os sotaques dos países africanos de origem. Algumas palavras do calão angolano ou caboverdeano são usais e marcam um lugar de afirmação pela linguagem. Há um vocabulário, um gestual e um modo de ser particular que é cada vez mais expressivo. Vivenciar isto na cena do kuduro implica prestígios locais entre os amigos da escola e do bairro, acesso à ambientes e aos recursos culturais e sociais que muitas vezes são restritos à maioria destes jovens, bem como à possibilidade de levantar alguma renda através das atuações, ao mesmo tempo em que ampliam as suas possibilidades de diversão, como estratégias que demarcam uma forma de existência coletiva e diferenciada com relação a outras.

3. Sociabilidades e formas de circulação do kuduro

O kuduro é o meio pelo qual se estabelece uma forma muito própria de envolvimento dos jovens imigrantes, circunscritos a um espaço periférico de atuação local e vinculado a redes de contato pessoal. Se o kuduro primeiro foi consumido, para depois ser produzido pelos jovens imigrantes, interessa também entender as facetas destas formas de consumo e circulação. Primeiro, 1) destaco que a audiência e a produção de tal estilo estão também associadas, de modo tenso ou não, às outras formas musicais e plásticas de expressões juvenis, como o rap, o hip-hop, o reggae, a quizomba, a tarraxinha, o funaná, entre outras. Segundo, 2) que boa parte da audiência do kuduro também se realiza em festas de amigos, nos eventos culturais e nas discotecas africanas⁷, onde a música é reproduzida e é difundida, ganhando uma visibilidade mais difusa na idéia de “música africana contemporânea”. Terceiro 3) que existe uma circulação local e transnacional, através dos canais de rádio (Antena 3 e África) e TV fechada (RTP África; Afro-Music e TPA Internacional) com programas específicos em que se ouvem kuduro e músicas africanas produzidas por artistas angolanos, caboverdeanos, moçambicanos, guineenses e sãotomenses, com certa hegemonia dos dois primeiros⁸. Este contexto está diretamente articulado com o das discotecas. A especificidade das discotecas é que nelas a audiência é compartilhada e muitas vezes com certa euforia, agregando a audiência um senso de identificação coletiva pelo que se ouve e se vê em grupo. 4) Outro meio de reprodução é a rede mundial de computadores, através de canais como *Youtube*, de redes de relacionamento e de compartilhamento de arquivos, de múltiplas estratégias de difusão e de acesso por *email*, em que as músicas e vídeos são compartilhados, embora não afeitos à euforia, por uma cumplicidade coletiva. Por último, 5) a música circula também de mão em mão por quem produz e reproduz o kuduro. Entre os jovens músicos do kuduro em Portugal quase não há a gravação em suporte de CD para cópias comerciais e revenda; seus suportes são as memórias dos próprios equipamentos eletrônicos em que sua música é reproduzida, o que implica mencionar a marca da efemeridade com que as composições aparecem e desaparecem de circulação, na medida em que são substituídas por outras músicas em tais equipamentos.

Para Appadurai (2004), os meios de comunicação e os movimentos migratórios de massa da contemporaneidade apresentam questões antropológicas que devem nos fazer pensar na relação das comunicações, das solidariedades, das trocas econômicas, das hierarquias, das produções, dos consumos, das identidades e das tensões com os fenômenos de desterritorialização financeira, étnica, midiática, técnica e ideológica. Em tal contexto, o consumo contemporâneo da música através de suportes tecnológicos móveis como walkman, mp3, celulares, entre outros, possibilitam que a produção, a reprodução e a circulação da música sejam redefinidas por um contexto de fluidez de micronarrativas, ao mesmo tempo pessoais e articuladas a uma rede de audiência com experiências sociais mais ou menos compartilhadas⁹.

As práticas e relacionamentos com a música por parte destes jovens são possibilidades para percebermos alguns contornos dos seus processos de identificação (Contador, 2001). A presença da denominada música africana (kuduro, morna, koladera, funaná, quizomba, entre outras) entre os jovens africanos, em Portugal, remete a um processo de identificação que passa pelo sentido de referência a um coletivo etnicizado, e que envolve a família, a vizinhança e os amigos. É como se a música se tornasse uma etnoreferência mimética dos significados da diáspora para os imigrantes africanos (Contador, 2001). De tal perspectiva, temos uma relação interessante entre os estudos sobre culturas jovens, estilo de vida, produção e consumo cultural, associados aos processos de identificação, mesmo que temporários. São possibilidades de compreensão sobre um dado conjunto de características mais ou menos similares nas práticas e discursos de um determinado grupo, marcado pela faixa etária aproximada, pelo envolvimento com a memória da imigração, pela experiência de distinção social, pelo fenótipo e pelas referências de uso de objetos e espaços comuns, gostos e práticas.

4. Considerações finais

O estilo de dança e música associado ao kuduro é como uma referência de identificação entre os jovens africanos em Lisboa, porque implica não só um público com um perfil social similar, que pode ser reconhecido pelos espaços que frequenta, pelo gestual e pela indumentária, mas também porque é um estilo musical e de dança marcado por uma dinâmica de produção, circulação e consumo que se confundem com as práticas cotidianas: a casa, a família, o encontro com os amigos na rua, a escola e o entretenimento juvenil. Uma forma de ser e estar que caracteriza uma rotina que têm momentos de auge, como as apresentações em escolas e festas, as animações em discotecas e as gravações públicas de vídeos, envolvendo tanto aqueles que são considerados os mais habilidosos e que produzem algo na dança ou na música, se expondo através do estilo, mas também aqueles que eventualmente o consomem, incorporando a linguagem oral e corporal da dança e da música ao seu dia a dia.

Este é um estilo musical que surge caracterizado por um novo contexto tecnológico de produção, reprodução e difusão independentes de gravadoras e de distribuidoras, marcado pela circulação nuclear e centrípeta (que irradia de um grupo de amigos para uma rede maior e dali para grupos de amigos que vivem distantes), através dos suportes de arquivo virtual de música, chegando aos diferentes bairros, cidades e países, sem delimitação de fronteiras específicas e sem um mecanismo de controle comercial formal sobre sua circulação e consumo. Em Portugal, mais especificamente na Região Metropolitana de Lisboa, tal estilo tornou-se uma expressão aglutinadora das sociabilidades juvenis entre as experiências da imigração africana, que passou a atrair em torno da música e da dança uma experiência de identificação coletiva, que também manifesta um sentido de alteridade com relação a outras expressividades culturais.

O kuduro está tanto associado à distinção geracional dos jovens com relação aos gostos musicais e modos de agir e vivenciar as experiências da imigração africana pelos seus pais, como demarca diferenças entre as juventudes com relação aos outros gostos e estilos de vida presentes entre outros jovens em Lisboa e que estão associados a outras trajetórias sociais e outros repertórios culturais.

Os jovens que se envolvem com o kuduro em Lisboa (ou dão sentido a tal expressão como um modo de ser perante outros) estão demarcando espaços sociais específicos articulados à residência, à escola, aos contextos lúdicos, aos modos de circular e se tornar visível no espaço urbano e aos novos modos de sobrevivência econômica alternativa ou profissionalizada a partir do uso da música e da dança como forma de ganhar dinheiro num contexto de possibilidades geralmente hostis aos jovens africanos. Estes jovens acionam positivamente todo um referencial simbólico como demarcadores do estilo, que apontam para um modo de ser particular que passa a ser reconhecido como uma das características da imigração africana em Portugal, e não necessariamente relacionada exclusivamente aos imigrantes angolanos.

Referências Bibliográficas

- Almeida, Miguel Vale de (2000) *Um Mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Celta.
- Appadurai, Arjun (2004) *Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.
- Barth, Fredrik (1998) “Grupos étnicos e suas fronteiras”, in Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne, *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. UNESP.
- Bennet, Andy, Kahn-Harris, Keith (2004) *After Subculture: critical studies in contemporary youth culture*. Editado por Andy Bennet e Keith Kahn-Harris.
- Bhabha, Homi (1998) *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed UFMG.

- Bringel, Maria Manuel da Costa (1998) *Kuduro, flamengo e rap: identidades culturais salientes num contexto escolar urbano*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Nova de Lisboa.
- Carvalho, Francisco Avelino. O lugar dos negros na imagem de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 52, 2006, pp. 87-108
- Carvalho, João Duarte de (2009) *As políticas de imigração do Estado português, entre 1991 e 2004*. Portugal: ACIDI (Coleção Teses, 26).
- Certeau, Michel de (1994) *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- Clifford, James (1998) *A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Coelho, Maria Zara Pinto. Jovens no discurso da imprensa portuguesa: um estudo exploratório. *Análise Social*, vol. XLIV (191), 2009, 361-37.
- Contador, António Concorde (1998) “Consciência de geração e etnicidade: da segunda geração aos novos luso-africanos”. *Revista Sociologia: problemas e práticas*, n. 26: 57-83.
- Contador, António Concorde (2001) *Cultura juvenil negra em Portugal*. Oeiras, p. 103.
- Featherstone, Mike (1995) *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- Feldman-Bianco, Bela (2002) “Entre a fortaleza da Europa e os laços afetivos da irmandade luso-brasileira: um drama familiar em um só ato”, in Bastos, Cristiana; Almeida, Miguel Vale de e Feldman-Bianco, Bela (orgs.), *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: ICS.
- Fradique, Teresa (2003) *Fixar o movimento: representações da música rap em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Frith, Simon. Look! Hear! The Uneasy Relationship of Music and Television. *Popular Music*, Vol. 21, No. 3, Music and Television (Oct., 2002), pp. 277-290 Published by: Cambridge University Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/853719>
- Geertz, Clifford (1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gilroy, Paul (2001) *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed. 34: Rio de Janeiro.
- Guiot, Olivier (2009) *Os processos de negociações identitárias nas culturas expressivas juvenis. O caso do kuduro na área metropolitana de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Imigrações Inter-Etnicidades e Transnacionalismo. Universidade Nova de Lisboa.
- Gusmão, Neusa Maria Mendes de (2004) *Os filhos da África em Portugal: Antropologia, multiculturalidade e educação*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Hall, Stuart (2003) *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Machado, Fernando Luís (1994) “Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade”. *Revista Sociologia: Problemas e Práticas*. Lisboa, n. 16: 111-134.
- Machado, Fernando Luís. Imigração e imigrantes em Portugal: parâmetros de regulação e cenários de exclusão. *Revista Sociologia: Problemas e Práticas*, n.º 41, 2003, pp. 183-188
- Marcon, Frank (2005). *Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Letras Contemporâneas: Florianópolis.
- Marques, João Filipe. Do “não racismo” português aos dois racismos dos portugueses. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P. (ACIDI) Outubro, 2007. (Teses; 12). 322p.

Martin-Barbero, Jesús (2008) A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. FREIRE FILHO, João e BORELLI, Silvia (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. Educ: São Paulo, 2008.

Miller, Daniel (2007) Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez.

Ortner, Sherry (2007) Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: Grossi, Miriam Pilar et alli (org). *Conferências e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, pp 45-80.

Pais, José Machado (2003). *Culturas juvenis*. 2^a.ed. Lisboa: INCM.

Relatório de Actividades: imigração, fronteiras e asilos - 2009. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Departamento de Planeamento e Formação: Oeiras. Portugal, 2010.

Rosales, Marta e outros (2009) *Crescer Fora D'Água?: expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na Região Metropolitana de Lisboa*. Alto Comissariado para Imigração: Lisboa (Coleção Estudos Observatório da Imigração, n. 37).

Simmel, Georg. (2004) *The Philosophy of Money*. Third enlarged edition. London and New York: Routledge.

Thorton, Sarah (1996). *Club Cultures: Music, Media and Subcultural Capital*. Middletown: Wesleyan.

¹ Os “retornados” são os portugueses que viviam nas colônias e seus descendentes oficiais lá nascidos, que principalmente no período da Guerra Colonial ou após as independências migraram para Portugal. Eles são considerados cidadãos portugueses retornados, mesmo que muitos destes nunca antes tenham vivido em Portugal. Contra estes pesa uma distinção social, o fato de não serem naturais da metrópole, mesmo assim quase sempre brancos. O que torna a questão ainda mais complexa, mas estas implicações precisariam ser analisadas em outro momento.

² Portugal é país signatário do Tratado de Schengen desde o ano de 1991. Os países signatários concordam com a livre circulação de pessoas entre seus países, o que também implica no livre trânsito de estrangeiros e imigrantes que estejam em um dos Estados Membros.

³ Sobre a relação entre juventude e imigração, em Portugal, vários trabalhos académicos estão publicados no endereço eletrónico do Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (<http://www.acidi.gov.pt/>).

⁴ Um programa de ocupação de tempo livre, denominado de “Programa Escolhas”, que está vinculado ao governo português, através do ACIDI, subsidia os projetos vinculados às associações, que mantêm contato com os jovens interessados em algum tipo de envolvimento com a dança, a música e outras modalidades de ocupação. O “Programa” auxilia iniciativas para ocupação dos jovens em atividades extra-escolares.

⁵ Grupo do bairro Cacém, na linha de Sintra que, em 2006, foi incluído na compilação, gravada em cd-rom, “Nove Bairros Nove Sons”, da Fundação Calouste Gulbenkian, projeto colaborativo com o “Programa Escolhas” e integrado no ciclo de atividades comemorativas do cinquentenário da Fundação, denominado “O Estado do Mundo”. Quando estive com o grupo, me disseram que não estão mais atuando com a mesma intensidade.

⁶ Vários destes jovens trabalham na entrega de jornais promocionais de redes de supermercados e outros trabalham na construção civil, caracterizadas como atividades de pouco prestígio social. Apenas um deles, entre todos os meus contatos, realizava naquele momento um curso universitário.

⁷ Alguns destes espaços: discoteca Mussulo, discoteca Kaombo, discoteca Ondeando, Bar Kretcheu e Bar Bons Amigos.

⁸ Em vários dos canais de rádio e tevê mencionados é mais comum a presença de músicos caboverdeanos e angolanos, do que dos outros países africanos. Os estilos musicais provenientes destes dois países também são mais comuns entre os imigrantes africanos em Portugal.

⁹ A velocidade da comunicação e como a informação em tempo real, o diálogo e o debate permitem que vários indivíduos separados territorialmente formem, perpetuem ou re-elaborem noções sobre comunidades de imaginação e interesse dirigidos por experiências da diáspora (Appadurai, 2004, p. 258). Com isto, comunidades são criadas ou mediatizadas através do acesso ao software e ao hardware, necessários para se ligar as grandes redes internacionais de computadores. Informação e opinião fluem concomitantemente.